

**CINEMA DE ENGAJAMENTO, NEOLIBERALISMO E EDUCAÇÃO FORMAL:
POR UMA POLITIZAÇÃO DO OLHAR**

***CINE ENGAGEMENT, NEOLIBERALISMO Y EDUCACIÓN FORMAL: HACIA UNA
POLITIZACIÓN DE LA MIRADA***

***ENGAGEMENT CINEMA, NEOLIBERALISM AND FORMAL EDUCATION:
TOWARDS A POLITIZATION OF THE LOOK***



Divane Oliveira de M. SILVA¹
e-mail: divane.oliveira@ufpe.br



André Luiz dos S. PAIVA²
e-mail: andre.paiva@ufersa.edu.br



Kátia Silva CUNHA³
e-mail: katia.scunha@ufpe.br

Como referenciar este artigo:

SILVA, D. O. de M.; PAIVA, A. L. dos S.; CUNHA, K. S. Cinema de engajamento, neoliberalismo e educação formal: Por uma politização do olhar. **Plurais - Revista Multidisciplinar**, Salvador, v. 9, n. esp. 1, e024008, 2024. e-ISSN: 2177-5060. DOI: <https://doi.org/10.29378/plurais.v9iesp.1.19379>



| Submetido em: 19/12/2023
| Revisões requeridas em: 04/01/2024
| Aprovado em: 20/01/2024
| Publicado em: 12/07/2024

Editoras: Profa. Dra. Célia Tanajura Machado
Profa. Dra. Kathia Marise Borges Sales
Profa. Dra. Rosângela da Luz Matos

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Nova Caruaru – PE – Brasil. Doutoranda em Educação Contemporânea- PPGEDUC/UFPE. Secretária Executiva no Campus do Agreste, da Universidade Federal de Pernambuco e pesquisadora no Laboratório de Pesquisa em Políticas Públicas, Currículo e Docência.

² Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Mossoró – RN – Brasil. Professor Visitante no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Cognição, Tecnologias e Instituições da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Integrante do Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE).

³ Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Nova Caruaru – PE – Brasil. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e do programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea (PPGEDUC/UFPE). Professora do Núcleo de Formação Docente, no Centro Acadêmico do Agreste.

RESUMO: Este ensaio provém de aprofundamentos teóricos no contexto temático de nossa pesquisa no campo das políticas educacionais, em um programa de doutorado em Educação. Objetivamos explorar a função pedagógica do cinema ante as práticas e regimes neoliberais, focando no sofrimento psíquico causado aos indivíduos por meio da busca ao empreendedorismo de si mesmos. Nossa abordagem está ancorada no pós-estruturalismo, principalmente, pelo diálogo com Gilles Deleuze e Jacques Derrida, os quais, apesar de divergências teóricas, compartilham o interesse em defender a multiplicidade de possibilidades para futuros, que são incertos e indeterminados. Nessa direção, compreendemos que educação formal é mobilizada constantemente a criar momentos reflexivos que questionem os problemas emergentes na sociedade, inclusive, as tentativas de despolitizar os indivíduos e ignorar os devires. Nesse sentido, com a finalidade de destacar as possibilidades do cinema de engajamento na Educação, apresentamos ainda uma proposta de intervenção através da utilização do curta-metragem *El Empleo*.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema. Educação formal. Neoliberalismo. Empreendedorismo.

RESUMEN: Este ensayo se deriva de profundizaciones teóricas en el contexto temático de nuestra investigación en el campo de las políticas educativas, en un programa de doctorado en Educación. Nuestro objetivo es explorar la función pedagógica del cine frente a las prácticas y regímenes neoliberales, centrándonos en el sufrimiento psíquico causado a los individuos a través de la búsqueda del emprendimiento personal. Nuestro enfoque está anclado en el postestructuralismo, principalmente a través del diálogo con Gilles Deleuze y Jacques Derrida, quienes, a pesar de las divergencias teóricas, comparten el interés en defender la multiplicidad de posibilidades para futuros que son inciertos e indeterminados. En esta dirección, entendemos que la educación formal está constantemente movilizada para crear momentos reflexivos que cuestionen los problemas emergentes en la sociedad, incluidos los intentos de despolitizar a los individuos y de ignorar los devenires. En este sentido, con el fin de resaltar las posibilidades del cine para involucrarse en la Educación, también presentamos una propuesta de intervención a través del uso del cortometraje *El Empleo*.

PALABRAS CLAVE: Cine. Educación formal. Neoliberalismo. Empreendedorismo.

ABSTRACT: This essay stems from theoretical deepening in the thematic context of our research in the field of educational policies, within a doctoral program in Education. We aim to explore the pedagogical function of cinema in the face of neoliberal practices and regimes, focusing on the psychological suffering caused to individuals through the pursuit of self-entrepreneurship. Our approach is anchored in post-structuralism, mainly through dialog with Gilles Deleuze and Jacques Derrida, who, despite their theoretical differences, share an interest in defending the multiplicity of possibilities for futures, which are uncertain and indeterminate. In this direction, we understand that formal education is constantly mobilized to create reflective moments that question the emerging problems in society, including attempts to depoliticize individuals and ignore becomings. In this sense, in order to highlight the possibilities of cinema for engaging in Education, we also present an intervention proposal through the use of the short film *El Empleo*.

KEYWORDS: Cinema. Formal education. Neoliberalism. Entrepreneurship.

Introdução

A capacidade educativa do cinema tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores no Brasil, dentre os quais tomamos como referência Farina e Fonseca (2015), De Araújo Lima (2018), Paiva (2022), especialmente pelo interesse em destacar as possibilidades cinematográficas de despertar político e engajamento. Com base nesses autores, compreendemos que o cinema movimenta o pensamento e, por conseguinte, produz efeitos na subjetividade humana. Sendo assim, a utilização de filmes na educação formal se apresenta como ferramenta de estímulo à reflexão e à criticidade.

Neste ensaio, entranhados em uma perspectiva pós-estruturalista, partimos da confluência das compreensões de Deleuze (2005) e Derrida (2015) com o objetivo geral de explorar a função pedagógica do cinema, ante as práticas e regimes neoliberais que têm influenciado os sistemas educacionais e provocado sofrimento psíquico, especialmente por meio do incentivo ao empreendedorismo individual. Percebemos, dessa forma, que o aparato neoliberal tem trazido inquietações e angústias, pois incita à comparação e à competição ao fazer com que os indivíduos se enxerguem como rivais, o que desmobiliza práticas de altruísmo, cooperação e solidariedade.

Nossa escolha teórica se dá porque Deleuze propõe uma abordagem do cinema como uma arte do “movimento automático”, capaz de fomentar desejos e liberar a vida do controle social (Maciel Júnior; Assis, 2014, p. 46). Derrida, por sua vez, enfatiza a desconstrução das estruturas de poder e a abertura para múltiplas interpretações, questionando as narrativas hegemônicas e as dicotomias determinantes (Aker, 2022). Esses dois pensadores nos levam ao questionamento: como o cinema pode desafiar formas hegemônicas educacionais, estabelecidas pelas dinâmicas neoliberais, e provocar novas formas de pensar?

Na intenção de trilharmos um caminho investigativo, articulamos esta pesquisa abraçando o referencial teórico sugerido pelo componente curricular Cinema e Educação Política oferecido pelo Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, ao qual nos vinculamos, e outros textos correlatos indicados para o doutoramento da primeira autora do ensaio. Assim, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico e exploratório, que segue organizada em três partes, que se configuram, assim, como seus objetivos específicos.

Na primeira parte, ressaltaremos alguns aspectos divergentes/convergentes entre os pensamentos de Deleuze e Derrida, introduzindo a compreensão do neoliberalismo e do cinema de engajamento, com ênfase em Deleuze. Na segunda parte, pensaremos nos desafios de

suscitar novos olhares ao neoliberalismo na vivência escolar pelo cinema de engajamento, vinculadas às possibilidades de desconstrução estrutural defendidas por Derrida. Na terceira parte, abordaremos os potenciais benefícios da incorporação do cinema de engajamento às escolas, em termos de questionamentos sobre o neoliberalismo. Nesse sentido, apresentaremos um curta metragem animado latino-americano — que fez parte de nossas discussões — como possibilidade de introdução deste debate em turmas do Ensino Médio. Por fim, traremos algumas considerações (in)conclusivas.

De um ponto de vista metodológico, a opção foi por uma lógica ensaística, por esta permitir uma aproximação mais coerente com os referenciais teóricos utilizados, uma vez que mobiliza de maneira mais fluida as discussões realizadas e os movimentos reflexivos que são aqui desenvolvidos. Dessa forma, torna-se possível a construção de contatos entre as teorias, o cinema e suas possibilidades de intervenção quando se trata de sua produção, circulação, fruição e engajamento na relação com contextos escolares.

Um pouco de Deleuze e Derrida, neoliberalismo e cinema de engajamento

Gilles Deleuze e Jacques Derrida são dois filósofos franceses do século XX cujas obras influenciaram significativamente a filosofia contemporânea. Embora compartilhem características pós-estruturalistas, apresentam abordagens teóricas divergentes, consideradas, por vezes, posições filosóficas inconciliáveis. Mesmo com distinções, que se dão especialmente pelo desvio acentuado na forma como respondem ao problema da diferença⁴, há aspectos em que suas ideias se encontram e se complementam, mesmo parecendo complicadas à primeira vista.

Entre as aproximações, destacamos a ideia de diferença contrastante à concepção mais restrita encontrada na filosofia de Platão (Cisney, 2018). Ao enxergarem a diferença como algo não dialético, ou seja, não simplesmente como algo que “é” ou “não é”, eles a defendem como um processo em movimento dinâmico e em constante transformação. Essa abordagem filosófica tem implicações ético-políticas, apontando uma atitude de disponibilidade ambivalente em direção ao futuro e à possibilidade de mudança.

⁴ Deleuze formula uma concepção afirmativa da diferença, se concentrando na multiplicidade e na força criativa. Já a *différance* de Derrida equivale a uma negatividade insolúvel, dando lugar à desconstrução e a possibilidade de destacar a instabilidade e a falha na presença plena de significados (Cisney, 2018). Em termos psicanalíticos isso gera uma incongruência: enquanto Deleuze defende o desejo como um potencial produtor, processo afirmativo, que independe do querer, Derrida entende o desejo como oriundo da ausência, ou seja, da negatividade (Hur, 2020).

Desse modo, ambos nos incentivam a estarmos abertos à compreensão de que o futuro não depende do passado. Somos provocados a pensar de maneira não fixa, ou não determinada, e convidados a usar a filosofia como ferramenta para entender o mundo. Deleuze e Derrida acreditam que a vida é cheia de expressão, e em vez de apenas nos preocuparmos com os problemas de justiça, democracia, amizade, dádiva, hospitalidade e perdão, talvez seja mais útil considerar como funcionam. Assim, apesar das diferenças em seus vocabulários filosóficos, é possível identificar uma área de convergência quando se trata de seus conceitos sobre a função política da filosofia (Patton; Protevi, 2003).

Nessa ótica, somos mobilizados a questionar os problemas que nos cercam, inclusive, aqueles que envolvem a mecânica neoliberal. Cabe aqui ressaltar que o termo “neoliberalismo” é frequentemente utilizado de maneira ampla e imprecisa, sendo aplicado de forma genérica em diversos contextos políticos e econômicos ao longo dos anos. No entanto, é crucial destacar que o regime neoliberal não se restringe ao aspecto socioeconômico; ele atua como uma dimensão que cresce globalmente, buscando influenciar as subjetividades e as normas existenciais (Dardot; Laval, 2016). De acordo com Safatle *et al.* (2021), o neoliberalismo não é apenas uma abordagem econômica, mas também um estilo de vida que permeia o trabalho, a linguagem e os desejos das pessoas, contribuindo para o sofrimento psíquico.

Esses impactos emocionais são relatados em diversos trabalhos científicos. Scharff (2016) traz um importante apanhado de pesquisas que se debruçaram em captar aspectos psíquicos dos sujeitos neoliberais. Os estudos relatam traços de rejeição à vulnerabilidade e, por conseguinte, manifestação de individualismo intensificado, ou seja, falta de empatia com as dificuldades dos outros. Também foi percebido o repúdio às dependências; a ilusão de autonomia; e a ênfase na responsabilidade pessoal. Destacamos que o autor identificou vários trabalhos que associaram ao sujeito neoliberal sentimentos relacionados à insegurança, ao medo, à ansiedade, ao estresse e à depressão.

Em parceria com Guattari, Deleuze analisou o capitalismo atual — que aqui trazemos como neoliberal — nos aspectos psicológicos e na produção inconsciente dos desejos (Deleuze; Guattari, 2010). Juntos, os filósofos estudaram como as mudanças na forma como as pessoas desejam estão relacionadas com a evolução do sistema econômico, argumentando que o capitalismo neoliberal está causando problemas psicológicos, como paranoia e esquizofrenia, devido à pressão para produzir mais e acumular riqueza de forma ilimitada. Também criticaram a ênfase na competição individual, que, segundo eles, controla e modifica os desejos das pessoas, influenciando a sociedade de várias maneiras (Cangiano, 2022).

Nesse contexto, percebemos que a força neoliberal vem influenciando a Educação Básica brasileira. As mudanças nos sistemas educacionais nos últimos anos têm ocorrido a partir da lógica neoliberal, visto o estabelecimento de padrões de referência, a introdução de índices de qualidade, a promoção de duvidosas⁵ transparências e adoção de evidências nas qualificações (Silva, 2023). Assim, esse conjunto de mudanças, supostamente necessárias, envolve avaliações comparativas e competitivas, que introduzem modelos neoliberais, ferramentas do mercado e novas formas de governanças, remodeladas por inspirações do setor privado e pela influência de órgãos internacionais, visando o “desenvolvimento de competências” (OCDE, 2005, p. 2).

Nesses termos, há pressupostos funcional-econômicos no propósito educativo, bem como a ambição de extrapolar e mercantilizar as capacidades e a aprendizagem de cada indivíduo. Para além dessas alterações, consideramos relevante pensar na política nacional do “Novo Ensino Médio”. Para esta etapa, a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017), define a inserção do “Projeto de Vida”, o qual entendemos com Brito (2023, p. 3) induzir a

um tempo/espço curricular que, ao disseminar os princípios neoliberais (empreendedorismo, produtivismo, competitividade, utilitarismo, responsabilização) estariam potencializando a produção de subjetividades e modos de vidas moldados pelo capitalismo contemporâneo, engendrados em determinadas práticas pedagógicas.

Pelo exposto, percebemos que as ideologias neoliberais e conservadoras nas políticas curriculares do Ensino Médio no Brasil, por meio do componente curricular “Projeto de Vida”, estão associadas ao “empreendedorismo” e o “capacitismo”, tal como afirmam Macedo e Silva (2022, p. 1). A aprendizagem passa a ser um dever que é imposto aos indivíduos em nome de ideais abstratos como a “economia global” ou “competitividade global” (Biesta, 2011, p. 59, tradução nossa).

O principal impulso, nesse sentido, tem sido baseado no desejo de aumentar a competitividade ao nível mundial para o mercado de trabalho. As reformas respondem às novas demandas neoliberais-conservadoras, descomprometendo-se com a promessa de “justiça social” e “democracia”; e redefinindo a competição e o sucesso “com base em recompensas emocionais ou socioafetivas” (Macedo; Silva, 2022, p. 18).

Assim, os processos educacionais formais passam a aproximar-se de um projeto de desenvolvimento econômico que se distancia de uma concepção de educação interessada na

⁵ Em virtude de nossa perspectiva pós-estrutural, questionamos a possibilidade de qualquer neutralidade. Acrescentamos que em detrimento à autoridade pedagógica profissional, os índices que geram as evidências satisfazem expectativas neoliberais.

formação humana. Os estudantes são vistos como clientes individualizados que adquirem a aprendizagem, as competências e as qualificações necessárias para competirem profissionalmente num mercado global que exige rápida adaptação às mudanças. O estudante competitivo torna-se o tipo ideal no meio educacional cada vez mais corporativo nos dias atuais.

Entendemos, no entanto, que a competição é um dos aspectos nocivos do neoliberalismo. Ela opera individualmente de forma interna, na concorrência consigo mesmo, e de forma externa, na convivência com os outros (Scharff, 2016). Nesse sentido, o “eu” neoliberal é um sujeito empreendedor, que tende a rejeitar aqueles que não seguem seu estilo de vida. Os empreendedores agem como se fossem seus próprios negócios, demonstram coragem diante dos riscos, habilidade na gestão de desafios e tendem a esconder suas dificuldades. Contudo, eles recorrem a diferentes discursos que ocultam a necessidade de mudança social. Em vez de focar na esfera social e política, o desejo de mudança é direcionado para dentro, resultando em autocritica, dúvidas e ansiedade (Scharff, 2016).

Nesse cenário, a imagem cinematográfica pode contribuir para uma compreensão mais profunda da condição humana e de seus dilemas, promovendo o engajamento. Sob a perspectiva de Deleuze (2005), compreendemos que o cinema oferece possibilidades únicas de reflexão e aprendizagem, enriquecendo o processo educacional. Ele seria uma ferramenta para desmontar aquilo que é comumente aceito como “verdade” e, em simultâneo, poderia nos impulsionar na adoção de novos modos de pensar. Esta dinâmica pode ser significativa para contemplar e estabelecer diálogos com a realidade, permitindo a concepção de novas maneiras de existir e uma reestruturação da nossa compreensão do mundo.

Ao desafiar as estruturas políticas e as percepções individuais, o cinema se posiciona como uma espécie de contra narrativa que confronta os sistemas de poder que subjugam. Ele viabiliza novas formas de interação com a realidade ao modificar os padrões de sensibilidade e pensamento (Paiva, 2022). Esta forma de cinema tem o potencial de influenciar a esfera das formações políticas individuais, desencadeando aspectos anteriormente inimagináveis.

As novas perspectivas imaginadas tornam-se impulsos poderosos que influenciam as ações coletivas (Deleuze; Guattari, 2010). A compreensão da política através dessa ótica do desejo sugere a criação de um cenário no qual diferentes possibilidades se manifestam, estimulando e integrando ações coletivas em direção a esses caminhos alternativos. A habilidade do cinema em influenciar a experiência do espectador, impactando seus pensamentos e emoções, é reconhecida como uma força singular, especialmente evidente no cinema de engajamento.

Nesse prisma, “o cinema pode afetar o real e tensionar os esquadramentos dos territórios e as gestões de nossa vida coletiva, recompondo, assim, outras possibilidades de vida em comum” (De Araújo Lima, 2018, p. 127). Uma proposta de uso do cinema para o engajamento pode criar espaços alternativos e flexíveis, que possam existir por um tempo e se adaptar conforme necessário.

Percebemos que a ação emocional que o cinema produz altera a compreensão da realidade, introduzindo elementos imprevistos que desestabilizam e reconfiguram suas estruturas preexistentes. É como inventar territórios temporários e fluidos, que podem não se restringir apenas ao uso pedagógico, mas invadir a escola, o ambiente de trabalho, as dinâmicas familiares, e outros âmbitos sociais. Isso implica buscar alianças que nos protejam contra a captura dos nossos desejos pelas estruturas que tentam nos transformar em seres padronizados e passíveis de controle, sejam elas sociais ou laborais.

Na seção seguinte, exploraremos os desafios de promover uma nova perspectiva sobre o neoliberalismo na experiência educacional, utilizando o cinema de engajamento como ferramenta.

Desafios na vivência escolar: desconstruindo o neoliberalismo pelo cinema engajado

Como já discutido, as reformas no Ensino Básico brasileiro respondem às novas demandas neoliberais-conservadoras, as quais não criam condições para uma vida psíquica saudável. A introdução do componente “Projeto de Vida” nas escolas de Ensino Médio tem fortes implicações para os indivíduos, entre as quais destacamos aquelas relacionadas ao empreendedorismo. Nessa ótica, a competição e o sucesso, motivados por recompensas, reduzem o mundo a perdedores e vencedores, como apontado por Brown (2018).

Assim, como Macedo e Silva (2022), percebemos que a ênfase no empreendedorismo afeta as percepções dos estudantes sobre o sucesso e o bem-estar ao desconsiderar as condições materiais e sociais desiguais que impactam suas oportunidades de empreender e alcançar o sucesso. Além disso, ao promover uma ideia de felicidade como um projeto de vida baseado no empreendedorismo, as políticas curriculares desconsideram as realidades e demandas dos estudantes, reforçando a estratificação social e desvalorizando o sucesso para grupos menos favorecidos.

Considerando a educação formal como uma prática com um propósito direcionado, é imperativo questionar os propósitos e alvos dos esforços educacionais. Em contraposição ao

vazio promovido pelo individualismo, é crucial reconhecer a autoridade das instituições e dos professores, como especialistas na identificação e na avaliação crítica do social para a democracia, a coexistência pacífica e o florescimento humano. Desse modo, eles podem/devem sistematicamente engajar os alunos em questões relevantes, possibilitando não apenas a ampliação dos limites de compreensão de cada aluno, mas também possibilitando que naveguem por múltiplas perspectivas.

Mas como poderíamos perceber a ligação entre o cinema de engajamento, como ferramenta educacional, e o conceito de “desconstrução” desenvolvido por Derrida, o qual aparentemente foca apenas na escrita? O próprio Derrida (2015) explica que, com o aumento da tecnicidade, o cinema, de forma paradoxal, está se tornando mais literário e vice-versa. Sendo assim, tanto a escrita quanto o cinema estão envolvidos nos mesmos movimentos técnicos e estéticos, com possibilidades infinitas, cada vez mais refinadas e aceleradas, oriundas das atualizações tecnológicas, as quais abrangem computadores, *internet*, imagens sintéticas, etc. Nesse aspecto, a desconstrução se torna importante devido às possibilidades permitidas pela tecnologia à narratividade.

Contudo, Derrida (2015) nos aponta um motivo mais relevante. A escrita e o cinema representam uma quase apresentação do mundo, cujo passado é irrepresentável em sua presença viva. É pela característica da “montagem”, encontrada em ambos, que a prática de desconstrução se mostra potente. A escrita/discursividade, tal como o cinema, explora todas as possibilidades de montagem, com jogos ritmos, enxertos de restrições, inserções, mudanças de linguagem e cruzamentos entre as artes.

Para Derrida (2015), embora um pouco mais livre das leis comerciais ou midiáticas que circundam o cinema, a escrita compartilha uma visão cinematográfica do mundo. Um escritor é sempre um montador, ou seja, um editor. Quando escrevemos, projetamos uma espécie de filme. Assim, o discurso e o cinema/imagem não devem ser compreendidos de formas diferentes.

O modo como um filme é visto e percebido tem relação com os processos psicanalíticos. Derrida (2015, p. 38, tradução nossa) afirmou que “[...] explodir um detalhe é algo que tanto a câmera de cinema quanto a psicanálise fazem”. Quando um filme foca em um detalhe específico, não apenas fornece uma ampliação ao detalhe, mas também oferece acesso a uma cena diferente, e sentimentos e imagens permanecem conosco em nossas memórias, corpos e desejos. Portanto, “[...] todo espectador, ao assistir a um filme, está em comunicação com algum trabalho do inconsciente [...]” (Derrida, 2015, p. 26, tradução nossa).

Assim, o invisível se apresenta mais importante do que o visível. Nas palavras de Derrida (2015, p. 36, tradução nossa), o invisível “[...] se lança como um lance de dados, retransmitido ou não (cabe ao destinatário responder) por outros textos, outros filmes”. Entendemos que aquilo que não é explicitamente mostrado em um filme pode ser interpretado e retransmitido, pois o significado nunca é dado e não há processo que o organize, contribuindo para o estado de indeterminação e indecidibilidade.

Ao considerar a indecisão, envolvemos a reescrita do texto em direções diversas, priorizando a constante postergação do significado. Isso destaca a importância da “multiplicidade” e da “polissemia”, fundamentadas na noção de que a estrutura não é o elemento determinante. Esse aspecto, de influência pós-estrutural, enfatiza a diversidade de interpretações e significados possíveis para um texto, quer seja escrito ou visual, reforçando que não há uma determinação estrutural fixa. Ou seja, o implícito é transmitido de forma indireta e pode ser interpretado de diferentes maneiras por quem assiste ao filme, pois cada espectador projeta algo privado na tela, como “fantasmas” pessoais, que não deixam de ser coletivos.

Nesses termos, percebemos dois ângulos: há uma desconexão numa sala de cinema, pois cada espectador experimenta sozinho. No entanto, pela natureza de projeção em um teatro, o cinema apela à coletividade, ao espetáculo comunitário e à interpretação. Todavia, não se trata de uma “individualidade”, ou de uma “coletividade”, mas de uma “singularidade”, a qual “desloca, desfaz o vínculo social e o reproduz de outra forma. É por esta razão que existe numa sala de cinema uma neutralização do tipo psicanalítico: estou sozinho comigo mesmo, mas entregue ao jogo de todos os tipos de transferência” (Derrida, 2015, p. 29, tradução nossa).

Assim, a percepção cinematográfica seria única em sua capacidade de proporcionar uma compreensão, por meio da experiência com um jogo de significantes, semelhante à prática psicanalítica. A hipnose, o fascínio e a identificação poderiam ser compartilhados entre o cinema e a psicanálise, estabelecendo uma interconexão fundamental, o que Derrida (2015, p. 26, tradução nossa) considera de extrema importância, pois seria um sinal de “um pensar junto” entre os dois campos.

Nessa direção, destacamos a importância de conceber o cinema como uma ferramenta de engajamento e resistência, pois permite envolver seu público tanto em sua narrativa como nas questões sociais por ela trazidas. Além disso, o cinema engajado permite tanto a crítica do presente como a imaginação do futuro, produzindo efeitos no campo das subjetivações políticas

(Paiva, 2022). A partir do perceber, do agir e do afetar, o cinema perturba a realidade do mundo, a falsifica e reintroduz elementos inesperados em seus arranjos.

Diante do exposto, na próxima seção, abraçaremos o desafio de explorar algumas interações e possibilidades de abordagens de engajamento por meio do cinema. O desafio é escapar das estruturas sociais que muitas vezes nos aprisionam, buscando caminhos mais livres e dinâmicos, semelhantes a uma jornada nômade (Deleuze, 2012), repleta de potencialidades ainda não realizadas, do imprevisto e do alinhamento com desejos e vitalidade.

Potência do cinema engajado nas escolas: o neoliberalismo questionado

O cinema, como expressão artística, combina elementos visuais, sonoros e narrativos para contar histórias e explorar ideias. Ao analisar e debater filmes, os estudantes têm a oportunidade de aprofundar sua compreensão dos aspectos criativos e estéticos do cinema. Além disso, as conversas inspiradas por obras cinematográficas não apenas enriquecem a compreensão da cultura e da sociedade, mas também estimulam o pensamento crítico e expandem a capacidade de expressão e engajamento dos indivíduos. Isso tudo promove a diversidade e a representatividade, tornando-se uma maneira poderosa de aprender e compreender o mundo ao nosso redor.

Para introduzir uma discussão que envolva os estudantes do ensino médio, propomos o uso do curta-metragem *El Empleo/O Emprego* (2008). Dirigido por Santiago Bou Grasso e Patricio Plaza, o curta oferece uma crítica perspicaz e compacta sobre o destino do trabalho na sociedade capitalista, destacando-se por sua inteligência e brevidade em apenas sete minutos. *El Empleo* apresenta uma narrativa fluida que captura nossa atenção sem abrir mão do seu engajamento político, sendo contemplado com mais de cem prêmios e indicações em festivais de cinema (Marinho, 2021). Sua reflexão direta sobre as relações laborais contemporâneas transcende o retrato clássico de Charlie Chaplin em *Tempos Modernos* (Chaplin, 1936), que abordava a alienação do trabalhador na linha de montagem industrial, a repetição de movimentos, o esgotamento físico e mental, entre outros aspectos.

O curta-metragem *El Empleo* é altamente relevante nos dias atuais, especialmente num contexto no qual termos como “terceirização” e “empreendedorismo” são usados para mascarar questões críticas como a crise econômica e o desemprego (Ferreira, 2017). A obra representa de forma extrema a realidade contemporânea, onde a sociedade parece estar se transformando para criar empregos, mas ao custo de indivíduos sendo reduzidos a meros objetos em supostas

formas “inovadoras” de “prestação de serviço”. O filme mostra pessoas desempenhando funções que vão desde cabides até abajures, proporcionando uma reflexão profunda sobre essa situação surreal e tragicômica, convidando à ponderação sobre as complexas implicações dessa realidade.

Essa animação satírica aborda questões cruciais relacionadas ao trabalho, à alienação e à desumanização das atividades laborais. Sua narrativa retrata um mundo onde até as tarefas mais simples são tratadas como empregos formais. Como parte de uma abordagem educacional, essa proposta visa envolver os estudantes no engajamento e na resistência quanto à exploração do empreendedorismo, estimulando o pensamento crítico e a reflexão sobre o mundo do trabalho.

Assim, o uso do curta poderia ter como objetivos: instigar reflexões que conectem o curta *El Empleo* com a realidade dos estudantes, buscando pontos de contato entre a obra e o mundo em que vivem; adotar uma postura crítica em relação à produção audiovisual proposta, embasando os argumentos de maneira sólida e fundamentada; expandir e aprofundar o repertório argumentativo e reflexivo dos alunos sobre temas contemporâneos, tais como a natureza do trabalho, a alienação e desumanização das atividades laborais, o mercado de trabalho e o equilíbrio entre vida pessoal e profissional; fomentar a criatividade e a produção de conteúdo audiovisual dos estudantes por meio de projetos paralelos.

Evidentemente, todas essas possibilidades nos ocorrem a partir do próprio efeito que o filme elegido nos produz, engajando-nos desde sua narrativa a pensar aspectos da realidade social contemporânea que podem encontrar repercussões em dinâmicas formais de educação. Nesse sentido, ao propor uma possibilidade de aplicação do curta, não pretendemos impor uma visão totalizante da obra ou dos processos educativos, pois, assim como o cinema e as escritas, as intervenções escolares devem advir de um processo de montagem relacionado ao seu contexto de produção, mantendo a estrutura de aprendizagem sempre aberta.

Seguindo nesse fluxo necessariamente aberto, e à luz das teorias de Deleuze e Derrida, ainda podemos explorar como a narrativa e as mensagens transmitidas pela obra *El Empleo* se conectam com outras de suas ideias filosóficas:

a) Deleuze e o conceito de sociedade disciplinar versus sociedade de controle:

Deleuze (1992) aborda a transição da sociedade disciplinar, onde o confinamento era predominante, para a sociedade de controle, onde os limites temporais e espaciais se diluem. As sociedades disciplinares são caracterizadas por instituições como escolas, fábricas e prisões,

que impõem um controle rígido sobre os indivíduos por meio de estruturas hierárquicas e disciplinares. Já exemplos de controle são os treinamentos contínuos, assim como os sistemas de remuneração baseados no desempenho — tanto na esfera educacional quanto na corporativa.

No curta, a representação das atividades cotidianas transformadas em empregos formais pode ser vista como uma extensão dessa ideia da sociedade de controle. Nessa dinâmica, nunca se conclui algo e o indivíduo não é mais um ser confinado, mas sim um sujeito “endividado” (Deleuze, 1992, p. 224). Ele mostra como até mesmo as ações mais simples são integradas a uma estrutura de controle, na qual cada detalhe da vida é monetizado e submetido a regras e normas trabalhistas. Podemos pensar, por exemplo, como na escola e no trabalho não se trata mais sobre terminar algo e pronto, e sim, sobre sempre aprender ou provar que você vale algo através do seu desempenho. É como se nunca houvesse um ponto final. E o que é mais inquietante é que as pessoas não se sentem apenas presas por regras, mas também por dívidas ou obrigações constantes. Há uma grande mudança na maneira como as coisas costumavam ser na sociedade disciplinar, ainda que na sociedade de controle não se trate do encerramento das lógicas disciplinares, mas de sua reformulação coexistente com as dinâmicas de controle.

b) Derrida e a desconstrução das estruturas convencionais:

Derrida introduziu o conceito de desconstrução, questionando as estruturas binárias e hierárquicas do pensamento. No contexto de *El Empleo*, a desconstrução pode ser apreciada no questionamento das estruturas convencionais do trabalho. O curta mostra a transformação de atividades corriqueiras em empregos, levando à reflexão sobre as suposições por trás dessa prática, entre elas, como o pensamento neoliberal atinge profundamente a forma como as pessoas se veem e agem, visto que, passam a adotar comportamentos empresariais em suas vidas diárias.

Dentro dessa lógica, que reorganiza e justifica o capitalismo, o neoliberalismo coloca a competição como um princípio fundamental, até mesmo no jeito como as pessoas se enxergam. De acordo com Dardot e Laval (2016, p. 201), a maneira como cada um se vê e se comporta em todos os aspectos da vida é como uma categoria de investimento que precisa render lucro. Esse novo sujeito é moldado por pressões para alcançar metas e prazeres específicos, o que leva a um comportamento psíquico frenético e doloroso, pois o “indivíduo empreendedor” precisa estar totalmente imerso na mentalidade competitiva do neoliberalismo. Ao desnaturalizar a ideia de que tudo pode ser transformado em trabalho formal, o filme incita uma desconstrução dos valores e das normas que regem o mundo do trabalho.

c) Interseção entre Deleuze, Derrida e *El Empleo*:

A obra cinematográfica pode ser vista como uma representação visual e simbólica das transformações sociais e econômicas contemporâneas. A ótica ideológica delineada visualiza indivíduos sob a égide do “empreendedorismo de si”. Conectar essa ideia ao pensamento de Deleuze e Derrida amplia a análise crítica do curta, destacando questionamentos não apenas das estruturas trabalhistas, mas também às noções arraigadas de valor, significado e normalidade no contexto laboral e social. A relação entre o filme e as teorias de Deleuze e Derrida permite uma exploração mais profunda das implicações sociais, culturais e filosóficas das mudanças na esfera do trabalho e da vida cotidiana.

Nesse contexto de grande pressão, o indivíduo se submete a um ideal de perfeição, direcionando obsessivamente seus esforços para o trabalho, relegando sua realização pessoal em favor do sucesso profissional. Esse culto à excelência instiga uma busca incessante e interminável, tornando a competência profissional o único atributo valorizado e almejado, enquanto a vida do indivíduo se restringe ao sucesso alcançado na carreira, resultando em sofrimento e desequilíbrio tanto físico quanto mental.

No entanto, o curta-metragem reserva uma cena pós-créditos de grande relevância. Nela, a personagem previamente objetificada como um abajur se liberta dessa condição, arrancando esse papel simbólico de seu corpo e lançando-o ao chão. Esse momento suscita reflexões sobre as possibilidades de resistência e transformação. Assim como Deleuze (2005, p. 190), acreditamos na potencialidade do cinema em provocar uma ruptura, um “choque que desperta o pensador”, incitando-o a questionar suas visões habituais. Esse impacto pode gerar uma mudança na sociedade, abrindo novas perspectivas de pensamento e percepção, desafiando as normas estabelecidas.

Em consideração a isso, entendemos que o futuro não se encontra enclausurado em uma rota pré-determinada; ao contrário, é um espaço aberto para surpresas e mudanças constantes. Derrida (2003) explora essa diferença entre o futuro previsível – *avenir/advir* – e o porvir – *devenir/devir*. Essa ideia pode ser relacionada às reflexões sobre o destino da educação formal no Brasil, sobre os horizontes dos jovens e como o “planejado” pode ser interrompido por algo inesperado e mais enriquecedor. Pois, o futuro é uma jornada em andamento, uma trajetória em construção, portanto, marcada por sua imprevisibilidade e pelo constante movimento. Os aparentes consensos em relação ao “empreendedorismo de si” intentam moldar a percepção do

social. Contudo, são frutos de construções hegemônicas, que ocultam a presença constante de influências externas com fins à despolitização dos indivíduos.

Considerações (in)conclusivas

Apreendemos ser profícuo discutir a problemática da inserção da gestão empreendedora nas subjetividades, uma vez que intenciona despolitizar os indivíduos, desvinculando-os de outras possibilidades ou percepções do mundo, que não sejam sob a ótica mercadológica. Essa abordagem, que encara o ser humano como uma entidade empresarial, é um dos reflexos da ideologia neoliberal.

Nessa ótica, o empreendedorismo é aclamado como solução para problemas sociais e cada pessoa passa a ser considerada como uma peça na engrenagem, um objeto instrumental e utilitário em prol da otimização de desempenho e lucratividade, cuja falha pode resultar em substituição por outra mais “competente”. O “empreendedorismo de si” contribui para a formação de uma subjetividade marcada pela pressão por desempenho, competição constante e busca por autorrealização individual. Os indivíduos são levados a internalizar a ideia de que devem ser autossuficientes, competitivos e bem-sucedidos, o que pode gerar ansiedade, estresse e até mesmo o colapso psíquico.

Diante da problemática, apresentamos como o uso do cinema de engajamento na educação formal oferece um espaço onde questões, conhecimentos e valores podem ser discutidos, expandindo a compreensão sobre nós mesmos, nossos limites e o mundo. Entendemos que a partir dessas discussões, grupos de indivíduos mais saudáveis, inspirados, engajados, criativos e empáticos podem formar-se, prontos para enfrentar o mundo e resistir às investidas despolitizantes, que prometem futuros previsíveis ou forjados pelo ilusório empreendedorismo de si mesmos.

O movimento automático do cinema afeta o espectador, podendo forçá-lo a sentir, pensar e agir (Deleuze, 2005). Esse potencial cinematográfico pode fomentar desejos e liberar a vida das normas neoliberais, as quais se manifestam como controle social. Nesse sentido, a ideia deleuziana de uma política do desejo representa uma compreensão que sugere a existência de outras alternativas. Essa noção, junto ao pensamento de Derrida, nos aponta para a capacidade fílmica de penetrar no inconsciente coletivo, emergindo possibilidades e trajetórias impensáveis e indecidíveis.

REFERÊNCIAS

- AKER, H. Deconstruction in Film Analyses: Poststructuralism, Derrida and Cinema. **Kaygı. Bursa Uludağ Üniversitesi Fen-Edebiyat Fakültesi Felsefe Dergisi**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 333-353, 2022. Disponível em: <https://dergipark.org.tr/en/download/article-file/2168114>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- BIESTA, G. J. **Learning democracy in school and society**: Education, lifelong learning, and the politics of citizenship. [S. l.]: Springer Science & Business Media, 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BRITO, E. P. P. E. O Projeto de Vida no Novo Ensino Médio Baiano: do sujeito de direitos ao empreendedor de si. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 61, n. 69, 2023. DOI: 10.21680/1981-1802.2023v61n69ID33592. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/33592>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- BROWN, W. **Cidadania Sacrificial**: Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.
- CANGIANO, A. S. B. **A Construção da Subjetividade no Neoliberalismo**: Deleuze e Guattari. 2022. 143 f. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/handle/10482/44938>. Acesso em: 26 nov. 2023.
- CHAPLIN, C. **Tempos Modernos** [Filme]. Charlie Chaplin Film Corporation, 1936.
- CISNEY, V. W. **Deleuze and Derrida**: Difference and the Power of the Negative. [S. l.]: Edinburgh University Press, 2018.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, 2016.
- DE ARAÚJO LIMA, Érico O. Quando a máquina ataca: notas sobre cinema e engajamento. *Brasiliana: Journal for Brazilian Studies*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 126–150, 2018. DOI: 10.25160/bjbs.v6i1.25627. Disponível em: <https://tidsskrift.dk/bras/article/view/25627>. Acesso em: 24 nov. 2023.
- DELEUZE, G.. **A imagem-tempo** (Cinema II). São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, G. **Mil platôs**. v. 5. [S. l.]: Editora 34, 2012.
- DELEUZE, G. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. *In: Conversações*. [S. l.]: Editora 34, 1992. p. 219-226.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora, v. 34, 2010.
- DERRIDA, J. “Le ‘monde’ des Lumières à venir (Exception, calcul et souveraineté)”. *In: Voyous – Deux essais sur la raison*. Paris: Galilée, 2003.

DERRIDA, J.; DE BAECQUE, A.; JOUSSE, T.; KAMUF, P. Cinema and Its Ghosts: An Interview with Jacques Derrida. **Discourse**, [S. l.], v. 37, n. 1-2, p. 22-39, 2015. 2015. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/pub/27/article/595271>. Acesso em: 24 nov. 2023.

EL EMPLEO. Produção de Patricio Plaza e Santiago Bou Grasso. **Opus Bou**, Buenos Aires, 2008, 6 min. Disponível em: <https://vimeo.com/32966847>. Acesso em: 15 dez 2023.

FARINA, J. T.; FONSECA, T. M. G. O cine-pensamento de Deleuze: contribuições a uma concepção estético-política da subjetividade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, p. 118-124, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/B8St7R4gLMzXfmdsVhKf8B/>. Acesso em: 24 nov. 2023.

FERREIRA, W. R. V. Curta da Semana: "El Empleo" - o emprego que te espera no futuro. **Cinema Secreto: Cinegnose Blogger**, 16 abr 2017. Disponível em: <https://cinegnose.blogspot.com/2017/04/curta-da-semana-el-empleo-o-emprego-que.html>. Acesso em: 20 out 2023.

HUR, D. U. Desejo e política em Deleuze: máquinas codificadora, neoliberal, neofascista e esquizodramática. **POLIÉTICA. Revista de Ética e Filosofia Política**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 173-202, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/PoliEtica/article/view/50130>. Acesso em: 26 nov. 2023.

MACEDO, E.; SILVA, M. A promessa neoliberal-conservadora nas políticas curriculares para o Ensino Médio: felicidade como projeto de vida. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 35, n. 55, p. 1-23, 2022.

MACIEL JÚNIOR, A.; ASSIS, S. F. de. Imagem-pensamento: Deleuze ea função pedagógica do cinema. **Estudos da Língua(gem)**, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 45-60, 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1239>. Acesso em: 24 nov. 2023.

MARINHO, A. C. Trabalho e convívio cotidiano: a representação da vivência do tempo pela sociedade capitalista no curta-metragem El Empleo. **Humanidades em diálogo**, [S. l.], v. 10, p. 12-25, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/humanidades/article/view/159194>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **The definition and selection of key competencies**: Executive summary. Paris: OECD, 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/pisa/35070367.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

PAIVA, A. L. dos S. Cinema de engajamento, educação política e a imagem-pensamento. *In*: CARVALHO, M. de F.; SILVA, E. F. da.; PAIVA A. L. dos S. **Educação e cultura popular**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

PATTON, P.; PROTEVI, J. (ed.). **Between Deleuze and Derrida**. Bloomsbury Publishing, 2003.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N. da; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. [S. l.]: Autêntica Editora, 2021.

SCHARFF, C. The psychic life of neoliberalism: Mapping the contours of entrepreneurial subjectivity. **Theory, culture & society**, [S. l.], v. 33, n. 6, p. 107-122, 2016.

SILVA, D. O. de M. **Emaranhados sociais, políticos e fantasmáticos no sistema avaliativo educacional pernambucano: nas assombrações constitutivas, o que deixamos de enxergar?** 2023. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE, 2023.

CRediT Author Statement

Reconhecimentos: Agradecemos à Universidade Federal de Pernambuco pelo apoio.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesse.

Aprovação ética: O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa. Em virtude de se tratar de uma pesquisa bibliográfica, não a submetemos à análise do comitê de ética.

Disponibilidade de dados e material: Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso por meio dos links disponibilizados na seção de referências.

Contribuições dos autores: Autor 1: pesquisa/ construção dos dados/ redação; Autor 2: pesquisa/ levantamento bibliográfico/ revisão e correções obrigatórias; Autor 3: pesquisa/ levantamento bibliográfico/ supervisão.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

